

## **Alejo Carrera Muñoz (1893-1967): uma vida contada pelos jornais**

**José das Candeias Sales**

Universidade Aberta, Centro de História da Universidade de Lisboa (CHUL),

Centro de História, CHAM, FCSH,

Universidade NOVA de Lisboa,

Universidade dos Açores

Jose.Sales@uab.pt

**Susana Mota**

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa,

Universidade dos Açores

susana-mota@hotmail.com

### **Resumo:**

Alejo Carrera Muñoz (1893-1967) trabalhou, em Portugal e Espanha, como jornalista, correspondente de diversos jornais, e como empresário, político, homem da cultura e representante da comunidade galega em Portugal. Este texto pretende traçar, em linhas gerais, o seu percurso profissional de acordo com o que foi publicado nos jornais.

**Palavras-chave:** Alejo Carrera Muñoz, Biografia, Jornalista, Correspondente, Agência Radio

### **Abstract:**

Alejo Carrera Muñoz (1893-1967) worked in Portugal and Spain as a journalist, a correspondent of various newspapers, an entrepreneur, politician, man of culture, and representative of the Galician community in Portugal. This text intends to outline his career according to what was published in newspapers.

**Key words:** Alejo Carrera Muñoz, Biography, Journalist, Correspondent, Agency Radio

“D. Alejandro Carrera Muñoz, inquieto periodista, laborioso emprendedor de instituciones afectas al periodismo y jefe de la Agencia Radio, que él ha creado en Lisboa, es lo que nosotros frecuentemente llamamos un ‘muchacho’ todo actividad, energía y de imaginación creadora. (...)”  
El Tea (03/04/1923)

## 1.Introdução

Em 2016, demos início a um projecto de investigação no âmbito dos Estudos da Recepção da Antiguidade dedicado aos relatos publicados na imprensa portuguesa sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon<sup>320</sup>, desde 1922, ano da descoberta, até 1939, o ano da morte de Howard Carter<sup>321</sup> e da descoberta de outros túmulos intactos – em Tânis, no Delta ocidental. Esta investigação exigiu de nós um aprofundamento do conhecimento de como funcionava a imprensa portuguesa nesta época e, neste contexto, deparámo-nos com a figura de Alejo Carrera Muñoz.

Rapidamente percebemos que se tratava de alguém com um multifacetado percurso de vida, com um papel de grande revelo no mundo jornalístico e, como comum nas pessoas que se destacam, capaz de despertar grandes simpatias, mas também gerar enormes inimizades. Curiosamente, Alejo Carrera não foi ainda alvo de um estudo biográfico aprofundado. O único trabalho que identificámos foi publicado por José Márquez Paramés, em 2013, na obra *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia (siglo XI)*<sup>322</sup>. O breve texto de Paramés tem o mérito de tentar preencher o vazio existente, mas caracteriza-se pelo tom essencialmente panegírico que o autor dedica ao seu conterrâneo. Este trabalho, que peca pela ausência de fontes, refere na sua breve bibliografia uma obra da filha do biografado, Zita Teresa Carrera Ferreira, de 1995, intitulada *Apuntes biográficos de Alejo Carrera Muñoz*, que, infelizmente, não nos foi possível identificar. Se completarmos a leitura de Paramés com uma busca na internet percebemos que o feito da sua vida que mais se destaca é a compra e reconstrução do Castelo de Sabroso, na Galiza, sendo difícil saber mais sobre a sua vida de empresário e jornalista.

---

<sup>320</sup> Tutankhamon foi o 12º faraó da XVIII Dinastia do Império Novo que governou o Egipto durante cerca de 10 anos (1333-1323 a.C.), tendo subido ao trono ainda criança (talvez com 8 anos) e morrido ainda antes de chegar aos 20 anos. Ficou conhecido essencialmente pela excepcional descoberta do seu túmulo (KV 62), no Vale dos Reis, com os selos intactos, cerca de 3000 anos depois da sua morte, às mãos do arqueólogo Howard Carter e do seu financiador, George Edward, o 5º Conde de Carnarvon, vulgarmente conhecido como Lord Carnarvon.

<sup>321</sup> Howard Carter (1874-1939), arqueólogo britânico a quem se deve a descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922. Em 1907, foi contratado por Lord Carnarvon para supervisionar as escavações que ele financiava no Egipto. Foi justamente ao seu serviço que, a 4 de novembro de 1922, encontrou os 15 degraus que levariam à descoberta do túmulo do jovem faraó egípcio.

<sup>322</sup> Agradecemos a José Márquez Paramés por nos ter facilitado o acesso à sua obra.

Assim, recorreremos às fontes que tínhamos em mãos – jornais e revistas – e, usando o que Alejo Carrera fez publicar e o que publicaram sobre ele, tentámos reconstituir a sua multifacetada vida profissional. Não se pretende aqui, obviamente, traçar a sua completa biografia, mas sim o estabelecimento de um texto focado na sua carreira usando, principalmente, o meio onde se moveu: a imprensa.

Iniciamos com umas breves linhas sobre os principais momentos da vida pessoal de Alejo Carrera Muñoz, com base no texto de Paramés (2013: 136-149), ao que se seguem três diferentes secções, cronologicamente organizadas, nas quais abordaremos as linhas essenciais de carreira de Carrera.

Alejo Carrera nasceu em San Martín da Portela (hoje Vilasobroso) em Mondariz, na Galiza, a 17 de Fevereiro de 1893. Era filho de Don Manuel Evaristo Carrera Carballido (02/08/1831-16/05/1914) e da sua segunda esposa, Rosa Muñoz Vázquez (1871-30/10/1908). Teve dois irmãos. O mais velho, filho do primeiro casamento do seu pai, faleceu no Brasil com 29 anos<sup>323</sup>. A irmã mais nova, Sofia, nasceu em 1896. A 31 de Julho de 1919, Alejo casou, em Lisboa, com Adelaide Amaral Ferreira, portuguesa filha de uma prestigiada família da capital<sup>324</sup>. A 17 de Junho de 1920 nasceu a sua única filha, Zita Teresa Carrera. Faleceu, na sua terra natal, a 18 de Julho de 1967, com 74 anos.

## **2.Década de 10 – A construção de uma carreira**

De acordo com Paramés (2013: 138), Alejo Carrera entrou cedo no mundo do trabalho. Aos 11 anos deixou de estudar e foi empregado pelo pai como serralheiro mecânico. Ao fim de um ano, empregou-se como ajudante de bibliotecário no Grande Hotel de Peinador (Mondariz), tendo ocupado a posição de bibliotecário em 1906. No ano seguinte partiu para Portugal onde se manteve até 1910. Ele próprio fala sobre isto numa entrevista à *La Gaceta Literaria* (01/11/1928): “*Tenía quince años cuando salí la primera vez de mi casa paterna de Mondariz para Lisboa. En 1910 y 1911 he vivido en Madrid. Después he vuelto a Portugal, donde tengo fijada mi residencia (...).*”

---

<sup>323</sup> Não foi possível identificar o nome do irmão mais velho de Alejo Carrera.

<sup>324</sup> Ver, por exemplo, ABC – Madrid (04/08/1919) e El Sol (03/08/1919).

A 26 de Novembro de 1910 identificamos a primeira colaboração jornalística de Alejo Carrera no jornal galego *El Tea*<sup>325</sup>. O autor tinha na altura 17 anos e escrevia sobre a realidade local, principalmente no que respeita a questões políticas<sup>326</sup>. A partir de 28 de Outubro de 1911, Carrera passa a escrever neste jornal usando o pseudónimo *Ponte Xabriña*<sup>327</sup>, mantendo a temática de intervenção político-social nos seus textos. A 9 de Agosto de 1913 publica, no mesmo jornal, um texto onde se identifica<sup>328</sup>.

“(…) desde Octubre de 1911 (…) escribí mi primer artículo sobre este infeliz ayuntamiento y a las cuales pedí secreto que guardaron mientras yo no divulgue mi pseudónimo de ‘Ponte Xabriña’, he escrito nada menos que 18 artículos (...). Como ustedes han leído, yo combatí casos e indique otros, censuré y alabé a la ‘murga municipal’ (...)”

Durante o mesmo período, tanto a partir de Lisboa como nos períodos que passava na sua terra natal, escrevia igualmente em nome próprio textos cujo enfoque recaía, essencialmente, sobre a comunidade galega residente em Portugal.

A 9 de Agosto de 1913, o *El Tea* informa que Carrera passou a ser correspondente do jornal *El Mundo* de Madrid<sup>329</sup>. Um anúncio do mesmo ano, feito publicar por Alejo Carrera no *El Tea* (06/09/1913), sobre os serviços que prestava em Lisboa, informa que, nessa altura, ele era correspondente do *El Tea*, do *El Mundo* de Madrid e também do *Vida Gallega* e *El Pueblo*, ambos de Vigo. Além disso, fazia igualmente carreira com serviços de procuradoria e representações comerciais.

A colaboração com a *Vida gallega: ilustración regional*, uma revista mensal publicada em Vigo entre 1909 e 1963, concretiza-se com uma primeira publicação a 10 de Setembro de

---

<sup>325</sup> Paramés (2013: 143) afirma que Alejo Carrera começou a colaborar com este jornal com 15 anos de idade, o que corresponderia ao ano de 1908, ano da fundação. Carrera, numa entrevista concedida ao *El Pueblo Gallego* (06/09/1956), afirma ter sido fundador do *El Tea*. Infelizmente, não temos dados que validem estas informações. Sabemos apenas, de acordo com a *Biblioteca Dixital de Galicia*, que este jornal terá sido fundado por Amando Garra Castellanzuelo, em 5 de Setembro de 1908, em Pontearias.

<sup>326</sup> No que respeita à Galiza, Alejo Carrera movimenta-se, essencialmente, na provincia de Pontevedra com enfoque em Pontearias e, principalmente, em Mondariz e Vilasobroso (Villasobroso ou Sobroso).

<sup>327</sup> Xabriña, tal com Tea, são nomes de rios da região de Pontearias e Mondariz.

<sup>328</sup> Já a 8 de Março de 1913, o *El Tea* escrevia: “(…) nuestro querido amigo el culto joven Alejo Carrera, colaborador do *El Tea* en cuyas columnas ha hecho popular el seudónimo de ‘Ponte Xabriña’.” Identificamos textos no *El Tea* com este pseudónimo até 1923.

<sup>329</sup> Infelizmente não nos foi possível identificar este jornal e validar nas suas páginas esta informação.

1913, com um texto intitulado *Vida Gallega en Lisboa*. Esta colaboração vai manter-se até Maio de 1916, embora nem sempre de forma regular<sup>330</sup>.

Em 1913, Alejo Carrera junta ainda ao seu currículo a fundação de um jornal: a 15 de Novembro é publicado, em Lisboa, o primeiro número do *España y Portugal: semanario independiente, órgano de la colonia Española*, dirigido por D. Clemente Outerelo Antón. Esta publicação teve apenas cinco números. O último saiu a 8 de Dezembro de 1913. A ideia, no entanto, não morreu por aqui uma vez que, com o mesmo título e finalidade, passou a publicar-se, em 1914, na forma de secção independente, dirigida por Carrera, no jornal português *A Vanguarda*.

Nos anos seguintes, Alejo Carrera continua a desenvolver a sua veia empresarial. Numa carta, datada de 27 de Fevereiro de 1914, que envia a Bernardino Machado<sup>331</sup>, é identificado como Director-Gerente do *Centro Periodístico Ibero-Americano – Servicio de Publicidad, suscripciones, colaboración y telegramas*<sup>332</sup>. Em meados deste ano, o *El Tea* (12/06/1914) informa que abriu uma agência em Lisboa, dirigida por Alejo Carrera Muñoz, que colocará ao dispor dos interessados um variado número de serviços. Já em 1915, o jornal *El Financiero Hispano-Americano* (09/04/1915) publica o seguinte anúncio: “Alejo Carrera Muñoz, agente de comercio, acepta representaciones á comisión y consignación de industriales y comerciantes españoles. Dirección: rúa da Magdalena, 259, primero, Lisboa.”

Em 1916, de acordo com o *El Tea* (10/03/1916), Carrera adicionou outro título à lista de jornais com os quais colaborava: *O Imparcial* de Madrid. De notar que, enquanto nas publicações galegas o enfoque dos seus textos recaía, essencialmente, sobre a realidade

---

<sup>330</sup> Parece-nos interessante salientar aqui um texto de Alejo Carrera, publicado nesta revista a 20 de Dezembro de 1914, dedicado aos *Poetas Lusitanos*, uma crónica onde é perceptível a versatilidade do autor, que não se limitava a escrever sobre questões políticas. Na mesma linha, a 9 de Abril de 1915 escreveu, no *El Tea*, um texto intitulado Revelo literário. Los poetas de ‘Orpheu’.

<sup>331</sup> À data da referida carta, Bernardino Machado (28/03/1851-29/04/1944) era Presidente do Ministério (Chefe do governo), Ministro dos Negócios Estrangeiros e do Interior. Durante a I República Portuguesa desempenhou diversos cargos incluindo, por duas vezes, o de Presidente da República – foi o 3º Presidente, de 06/08/1915 a 05/12/1917, e o 8º e último, de 11/12/1925 até à ditadura Militar de 1926.

<sup>332</sup> Documento acessível online na Casa Comum – Fundação Mário Soares - Fundo: DBG -Documentos Bernardino Machado: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06673.010> [25/05/2017]

local ou sobre a comunidade galega em Lisboa, nos jornais de cariz nacional, como o *El Imparcial*, Alejo Carrera faz publicar notícias sobre a realidade portuguesa.

No ano seguinte, o mesmo *El Tea* (02/02/1917) escreve que, devido às suas muitas solicitações, Alejo deixará de ser correspondente do jornal. Ainda que, no final do mesmo mês (23/02/1917), anuncie que o *El Imparcial* abriu uma sucursal em Lisboa cujo redactor-chefe será o nosso biografado. A partir de finais de 1918, Carrera passa também a ser correspondente de um outro jornal espanhol de cariz nacional, o *El Sol*.

De acordo com Paramés (2013: 144), Alejo terá sido correspondente da *Agence Radio* (Paris) durante a Grande Guerra e, em 1918, teria passado a ser representante desta agência em Portugal. Contudo, só a partir de 1919 Carrera passa a ser identificado como director da Agência Radio<sup>333</sup> e só em 1920 passamos a identificar a presença desta agência nos jornais portugueses. Independentemente da questão da data exacta, a verdade é que, embora a Agência Radio seja uma das mais representadas na imprensa portuguesa na primeira metade da década de 20 do século XX, a ligação ente Alejo Carrera e a Agência Radio e a verdadeira natureza desta agência nem sempre são claras. Carrera era o proprietário da Agência telegráfica Radio em Lisboa, mas esta era uma sucursal da Agence Radio francesa, uma agência de notícias portuguesa ou uma empresa de recortes que fornecia informação estrangeira aos jornais portugueses?

Ainda em 1919, os jornais deixam-nos saber que Carrera publicava no jornal brasileiro *O Paiz* enquanto correspondente especial da agência americana *United Press*, fazendo chegar ao Brasil notícias sobre Portugal.

A 6 de Julho do mesmo ano, o *Diário de Notícias*, jornal português, publica uma entrevista realizada por Alejo Carrera ao Ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, onde escreve: “O sr. D. Manuel Gonzalez Hontoria, Ministro dos negócios estrangeiros de Espanha, quis honrar o ‘Diário de Notícias’ concedendo a um dos nossos mais activos colaboradores uma entrevista (...)”

Podemos perceber, portanto, que desde que começou a colaborar como jornalista com o *El Tea*, em 1910, o percurso profissional de Alejo Carrera não parou de crescer e desenvolver-se. Durante a década de 10, Carrera firmou-se enquanto jornalista e

---

<sup>333</sup> Ver *El Tea* (13/05/1919) e *El Correo Español* (07/07/1919).

empresário. Os que o rodeavam não ficaram alheios aos seus méritos. A 26 de Maio de 1916, Alejo Carrera foi nomeado académico adjunto (correspondente pelos estatutos actuais) da *Real Academia Galega*<sup>334</sup>, por Eugénio Carré, Francisco Tettamancy e Andrés Martinez Salazar<sup>335</sup>. Em 1919, foi condecorado com o grau de Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada em Portugal (a 29 de Março)<sup>336</sup> e, em Agosto, recebeu, de Espanha, as insígnias de Cavaleiro da Ordem de Isabel, a Católica<sup>337</sup>. Como não poderia deixar de ser, estas condecorações não passaram em branco nos jornais portugueses e espanhóis, tendo em Portugal o *Diário de Notícias* (31/03/1919) escrito:

“Na ‘Ordem do Exército’, ontem distribuída, vem publicado o decreto condecorando com o grau de oficial da Ordem de S. Tiago da Espada o nosso presado colega sr. D. Alejo Carrera, ilustre jornalista espanhol, representante em Lisboa da agência e correspondente de ‘El Sol’, de Madrid. Apreciando muito os seus dotes de inteligência e a sua excelente camaradagem, com prazer apresentamos os nossos cumprimentos ao sr. D. Alejo Carrera pela merecida distinção com que o honrou o governo português.”

Em Espanha, o *El Tea* (18/08/1919), no contexto de uma notícia sobre o casamento de Alejo, regista:

“Entre los muchos regalos de que ha sido objecto, se cuenta uno del señor Padilla, que consiste en las insignias de Caballero de la Orden de Isabel la Católica, con que ha sido agraciado pelo gobierno de S.M., premiando su labor periodista en pro del estrechamiento de relaciones entre España y Portugal.”

A condecoração foi também notícia no Brasil. O jornal *A Época* escreveu: “O governo portuguez condecorou (...) Com o grao de oficial de São Thiago, o jornalista hespanhol, sr. D. Alejo Carrera, correspondente e representante, em Lisboa do jornal ‘El Sol’, de Madrid.”

Alejo chega, assim, aos anos 20 como um jornalista e empresário reconhecido e respeitado em Portugal, em Espanha e até no Brasil.

---

<sup>334</sup> Esta nomeação era atribuída a quem tivesse apresentado um trabalho original de cariz literário ou histórico, a quem fosse ou tivesse sido director ou redactor de um jornal galego pelo menos durante um ano ou se tivesse distinguido pelo amor à Galiza. Teria que aí residir e ser maior de 18 anos. Agradecemos estas informações e esclarecimentos à *Real Academia Galega* que prontamente nos respondeu a todas as nossas questões associadas à nomeação de Alejo Carrera Muñoz.

<sup>335</sup> Três fundadores e presidentes da *Real Academia Galega*.

<sup>336</sup> Alejo Carrera foi condecorado pelo Presidente da República João do Canto e Castro Silva Antunes Júnior (Quinto presidente da Primeira República). Esta Ordem tinha por fim distinguir o mérito literário, científico e artístico de cidadãos nacionais ou estrangeiros.

<sup>337</sup> Condecoração atribuída por Afonso XIII de Espanha que visava premiar a lealdade a Espanha e os méritos de cidadãos espanhóis e estrangeiros pelos serviços prestados ao país.

### 3. “Os loucos anos 20”

Depois do pico de 1919, Alejo Carrera só volta a ser notícia em 1923 e não pelas melhores razões. Em Janeiro, o *Diário de Notícias* (24/01/1923), a pedido de Alejo

Carrera, publica uma carta que visava esclarecer uma acusação de que era alvo. O brasileiro *Jornal do Commercio* (24/02/1923), com um mês de atraso, publica a mesma carta, mas antecede-a por uma explicação clara do sucedido:

“O sr. Carlos Pereira referiu-se em uma das últimas sessões da Camara dos Deputados a uma chronica publicada em ‘El Sol’, em que o seu correspondente de Lisboa fez acusações graves ao parlamento portuguez, chegando a afirmar que a lei referente á criação de postos radio-telegraphicos foi aprovada pelo parlamento depois duma pressão do Governo inglez.”

Na carta feita publicar, Alejo procura defender-se, afirmando que qualquer ofensa sua a Portugal seria contrária aos seus sentimentos de amizade para com o país onde residia. No entanto, o caso não fica encerrado. Alguns jornais noticiam ameaças de um processo contra Carrera<sup>338</sup>. Não houve mais ecos destas acusações, mas os problemas sucedem-se.

O jornal *A Tribuna* (05/02/1923) publica uma notícia, desta vez dirigida à *Agência Radio*, acusando-a de enviar ao *El Sol* de Madrid notícias pouco precisas sobre eventos ocorridos em Portugal. Uma vez mais, Alejo faz publicar uma carta em sua defesa.

Citamos parte da notícia publicada no jornal *A Pátria* (07/02/1923):

“(...) ‘Errare humanum est’ e eu não pretendo fugir á regra. Mas, caso curioso, há oito anos que sou correspondente dos jornais espanhoes e americanos, nos meus arquivos póde-se verificar que o serviço por mim enviado tende sempre a ser agradável e elogioso para a nação onde vivo, e á qual neste campo, permita-se-me a imodéstia, tenho prestado alguns serviços, e nunca disso se fez reparo. Mas se por acaso, o artigo é menos feliz, se por acaso, raro acaso, se diz qualquer coisa de leve melindre para Portugal, sou logo lançado ás feras por motivos de animosidade pessoal, dando lugar a que jornais com quem mantenho excelentes relações e que são de grande autoridade na opinião publica se façam éco dessas acusações.”

Esta acusação surge em paralelo com uma contenda mais feroz criada pelo jornal português *A Imprensa Nova*. Carrera é abertamente acusado de germanofilia e de fazer publicar notícias difamatórias do país. Este caso decorreu entre os finais de Janeiro e o princípio de Fevereiro de 1913, numa série de notícias publicadas que põem em causa Alejo Carrera, a sua *Agência Radio* e toda a sua actuação enquanto jornalista e empresário<sup>339</sup>. Uma vez mais, Alejo recorreu aos jornais para se defender<sup>340</sup>, o que acirrou

---

<sup>338</sup> Ver *O Século*, (26/01/1923), *O Radical* (27/01/1923), *O Primeiro de Janeiro* (27/01/1923).

<sup>339</sup> Ver *A Imprensa Nova* de 26, 27 e 30 de Janeiro e 8 e 9 de Fevereiro de 1923.

<sup>340</sup> Ver o *Correio da Manhã* de 7 de Fevereiro de 1923.



ainda mais *A Imprensa Nova*. No entanto, o caso não teve outras repercussões que não o facto de esta publicação ter deixado de usar os serviços da *Radio*.

Depois deste atribulado início de ano, a vida de Alejo Carrera parece acalmar e nos restantes meses do ano começam a destacar-se outras ocupações da sua vida. Ainda em Fevereiro, o *El Tea* (13/02/1923) informa que Carrera passara a ser vice-presidente da *Juventud de Galicia – Centro Galego de Lisboa*. No final do ano é noticiada a sua eleição como presidente (*La Voz* – 22/10/1923). Apesar de estar, desde muito cedo, ligado a esta associação<sup>341</sup>, a partir deste ano assume uma posição de liderança no âmbito da qual vai pugnar pela ideia da fundação de uma *Casa de España* em Lisboa, uma instituição que fundisse todas as associações espanholas então existentes em Lisboa.

Neste ano de 1923, além do seu envolvimento em diversos eventos e homenagens, como por exemplo a ida de Gago Coutinho e Sacadura Cabral a Espanha na sequência da primeira travessia aérea do Atlântico Sul do ano anterior<sup>342</sup>, Alejo Carrera ocupou-se com a compra do velho castelo da sua terra natal, ao qual dedicou muito tempo num longo processo de recuperação<sup>343</sup>, e com a criação de um novo jornal, o *Hispania*:

“En los primeros días de Noviembre empezará a publicar-se en Lisboa un periódico español, titulado ‘Hispania’, que dirigirá el periodista español D. Alejo Carrera, actual presidente del Centro Gallego juventud de Galicia. El programa circunstancial des periódico será fomentar la fusión de las colectividades españolas de Lisboa y las constitución de la Casa de España.”<sup>344</sup>

No fim do atribulado ano de 1923, Carrera recupera os seus tempos de intervenção política, tendo sido preso depois de tomar a palavra numa sessão do *Ayuntamiento* de Mondariz e ter sido acusado de desrespeito. Foi solto no fim da sessão<sup>345</sup>.

No ano seguinte, Alejo Carrera continua jornalista, proprietário de um jornal, empresário, dono e reconstrutor de um castelo, presidente da *Juventud de Galicia* e impulsor da criação da *Casa de España*<sup>346</sup>. Além disso, foi, em Julho, nomeado presidente do Centro

---

<sup>341</sup> Alejo Carrera era o sócio nº 551 da Juventud de Galicia. Agradecemos à Juventud de Galicia as informações que nos foram disponibilizadas.

<sup>342</sup> Ver *La Voz* (15/05/1923) e *ABC Madrid* (05/06/1923).

<sup>343</sup> Ver *El Tea* (03/09/1923).

<sup>344</sup> A mesma notícia foi publicada no jornal *La Libertad* (25/10/1923) e *ABC Madrid* (25/10/1923).

<sup>345</sup> Ver *El Progreso* (13/12/1923) e *El Tea* (14/12/1923).

<sup>346</sup> Neste ano, Alejo Carrera teve problemas com D. Alejandro Padilla y Bell, Embaixador de Espanha em Portugal. O Embaixador terá dito palavras desagradáveis sobre a comunidade galega em Lisboa, o que levou a desentendimentos dentro da comunidade. As simpatias recaem para um lado ou para o outro, dependendo

Escolar Espanhol do Porto<sup>347</sup> e, em Setembro, formalizou a sua vida política ao ser eleito presidente da junta paroquial da recém-formada Entidad Local Menor de San Martiño de Portela, posterior San Martiño de Vilasobroso<sup>348</sup>.

O ano de 1925 foi, novamente, um ano agitado na vida de Alejo Carrera, desta vez com consequências bem mais sérias. Poucas alterações se verificaram na sua carreira em relação ao ano anterior, exceptuado as que decorreram da situação despoletada pela Revolução de 18 de Abril ocorrida em Portugal<sup>349</sup>.

No *Diário de Notícias* (25/04/1925) foi publicada uma notícia intitulada “*Foi ontem preso o director da agencia Radio*”. O jornal *A Tarde*, no mesmo dia, explica detalhadamente as acusações feitas a Carrera:

“Continua rigorosamente incomunicável numa esquadra de polícia o director da agencia ‘Radio’, o súbdito espanhol sr. Alejo Carrera, acusado de ter enviado para os jornais estrangeiros, de que é correspondente, notícias falsas e tendenciosas. (...) Se se provar a acusação feita contra o sr. Carrera é intenção do governo expulsá-lo do país. Há tempos o sr. Carrera esteve para ser alvo dessa medida por igual motivo.

A P.S.E. tem informações de que o sr. Carrera remetia notícias, por um próprio, para Elvas e Badajoz, donde eram transmitidas pelo telégrafo para Madrid. (...)”

*O Comércio do Porto* (25/04/1925) noticia o acontecimento, terminando a notícia relembrando a condecoração recebida por Alejo Carrera quatro anos antes, em 1919:

“(...) Este súbdito espanhol foi já agraciado com uma condecoração do nosso paiz pelos relevantes serviços prestados, honra que, segundo se vê, não se coaduna com o seu procedimento, escrevendo para o estrangeiro dizendo mal de tudo quanto é portuguez.”

Os jornais espanhóis, inevitavelmente, publicaram também o ocorrido<sup>350</sup>. O *El Uma* (14/05/1925) dá a notícia e depois escreve prevendo o desenlace final de acusação: “(...) *No ha enviado ninguna noticia tendenciosa, no milita en ningún partido político, no conspira, no escribe en ningún periódico enemigo del Gobierno de la República, Pero...*

---

do jornal que publica a notícia. Ver, em Espanha, *El Pueblo Gallego* (05/08/1924 e 13/08/1924), e *El Sol* (13/08/1924) e, em Portugal, *O Diário de Lisboa* (09/08/1924). Sabemos, contudo, que a ideia da fundação da *Casa de España* que unisse todas as sociedades espanholas nunca se concretizou. Agradecemos esta informação à Direcção da actual *Casa de Espanha* em Lisboa.

<sup>347</sup> Ver *El Pueblo Gallego* (08/07/1924) e *ABC Madrid* (29/07/1924).

<sup>348</sup> Ver *El Pueblo Gallego* (07/09/1924) e <http://www.depo.es/es/vialsobroso> [04/06/2017].

<sup>349</sup> Revolta militar contra o Governo, por iniciativa de monárquicos e nacionalistas. Lideram-na Filomeno da Câmara, Sinel de Cordes e Raul Esteves. Foi declarado o estado de sítio e a censura à imprensa.

<sup>350</sup> Também no Brasil a prisão de Alejo Carrera fez notícia. Ver *O Jornal* (26/04/1925), *O Jornal do Brasil* (26/04 e 16/06/1925) e *A Província* (04/07/1925).

*Es probable que se castigue.*”<sup>351</sup> A 2 de Maio, o *El Sol* publica um texto de Alejo Carrera depois de lhe ter sido levantada a proibição de comunicação. Ele opta por não se alongar sobre o assunto, afirmando que a sua inocência acabaria por ser reconhecida.

No dia 14 publica um novo texto intitulado “*Las excelências de mi celda.*” No dia 19, o *El Sol* divulga uma carta enviada pelas várias sociedades espanholas em Portugal ao Ministro do Interior português em defesa de Alejo Carrera Muñoz.

Em Portugal, o caso foi acompanhado com particular interesse pelo jornal *A Tarde* que durante os meses de Abril, Maio e Junho publicou frequentemente notícias sobre o caso. Recorrendo a três documentos que integram o processo de Alejo Carrera no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, é possível acompanhar o desenvolvimento e desenlace do caso<sup>352</sup>.

Uma carta datada de 17 de Junho de 1925, remetida pelo Ministério do Interior, Repartição de Segurança Publica, ao Sr. Director Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos, informa o Ministro do Interior que Alejo Carrera Muñoz deve ser “*imediatamente mandado pôr na fronteira*” e “*oficie-se ao Conselho da Ordem de S. Tiago lembrando a conveniência de ser dela retirado.*”

A 29 de Setembro de 1925, Alejo Carrera envia uma carta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros por intermédio do Consulado de Portugal em Vigo. Nela, Carrera recorda a sua acusação e subsequente expulsão, mas também que a sua vida pessoal e profissional estava sediada em Lisboa, solicitando que, no sequência da carta enviada pelo Director da *Agence Radio* de Paris, a sua situação fosse revista.

A carta a que Alejo Carrera se refere, enviada ao mesmo Ministro pela Legação Francesa em Portugal, será a seguinte:

“Monsieur le Ministre, Comme suite à notre conversation à ce propos, j’ai l’honneur, à la demande du Directeur de l’Agence Télégraphique Radio, 32 Rue Louis-le-Grand à Paris, de porter, à toutes fins utiles, ce qui suit à la connaissance de votre Excellence.

M. Carrera dirigeait à Lisbonne une agence qu’il appelait ‘Agence Radio’ comme la nôtre mais qui, ainsi que je l’avais annoncé dans les journaux portugais, n’a rien de commun avec la mienne.

---

<sup>351</sup> Nas publicações espanholas, há um tom de defesa do acusado e insinuações de sentimentos portugueses de antipatia para com Espanha. Ver *El Tea* (24/06/1925).

<sup>352</sup> CÓD. REFERÊNCIA: PT/AHD/3/MNE-SE-DNPEC/DGNPD-RNP/028/000002 -  
TÍTULO:

Movimento revolucionário em Lisboa. Prisão e expulsão de Alejo Carrera \_\_Proc.66; 103 (353,2 do CF da RNP até anos 30) (75450)

Or, M. Carrera m'expose qu'il a été emprisonné et expulsé parcequ'on l'aurait rendu responsable d'une dépêche publiée par l'Agence Radio de Paris annonçant au mois d'Avril dernier un mouvement révolutionnaire à Lisbonne. C'est pour moi un devoir de conscience que de déclarer, puisqu'il me le demande, que M. Carrera n'est pas le correspondant de l'Agence Radio de Paris et n'est pas l'expéditeur de cette dépêche. (...)"

Em suma, Alejo Carrera foi considerado culpado e expulso de Portugal, tendo regressado à sua terra natal na Galiza. No entanto, embora não tenhamos nenhum documento que o declare abertamente, percebemos pelas notícias publicadas nos anos seguintes que a situação terá sido resolvida a contento, uma vez que a sua ligação a Portugal vai manter-se em parâmetros semelhantes aos anteriores à expulsão. No *El Heraldo Gallego* (07/11/1926) podemos ler: “(...) *próxima del Castillo del Sabroso, reinando la más franca alegría entre los presentes que celebraron, también el regreso a Portugal de don Alejo Carrera.*”

Nos anos seguintes, os jornais destacam a permanência de Alejo enquanto presidente da Entidad Local Menor de Vilasobroso<sup>353</sup>, o seu envolvimento na organização da Semana Portuguesa na Galiza<sup>354</sup>, na implantação de um serviço postal entre Portugal e Espanha<sup>355</sup> e na produção de energia eléctrica a partir das águas do Xabriña<sup>356</sup>.

Para concluir esta panorâmica sobre os anos 20 da vida de Carrera, salientamos uma entrevista publicada na *Gaceta literária* (01/11/1928) no âmbito da Exposição do Livro Português, inaugurada a 25 de Outubro de 1928:

“Cuando se habla del libro peninsular o del libro extranjero, lo mismo que del periódico o de la revista, en Portugal, hay que referirse, necesariamente, a Alejo Carrera y a su organización comercial para la expansión del libro: la Sociedad Comercial Portuguesa de Publicaciones y telegrafía.”

De acordo com o que é escrito, a empresa de Alejo Carrera era responsável, na altura, pela venda de 90% das publicações estrangeiras em Portugal e 60% dos livros.

#### **4.1930 – 1967: O Amadurecimento**

Alejo Carrera chega à década de 30 como um homem activo e produtivo nas diferentes áreas da sua carreira e relativamente conhecido, sobretudo nas sociedades portuguesa e

---

<sup>353</sup> Ver *El Heraldo Gallego* (07/11/1926), *El Pueblo Gallego* (03/02/1928) e *La Época* (19/10/1925).

<sup>354</sup> Ver *La Zarpa* (29/03/1929).

<sup>355</sup> Ver *El Pueblo Gallego* (04/01/1929).

<sup>356</sup> Ver *El Pueblo Gallego* (25/01/1929) e *El Progreso* (25/01/1929).

espanhola, particularmente patente nas notícias por si e sobre si publicadas em periódicos de ambos os países. Os anos de 1930 e 1931 são, no essencial, muito próximos dos anteriores, mas esta é a década em que a presença do seu nome nos jornais começa a diminuir significativamente e, por isso mesmo, temos menos material para reconstituir os últimos 37 anos da sua vida, tantos como os que já tinha vivido.

Através do *El Pueblo Gallego* (24/07/1930), ficamos a saber que, em meados de 1930, Alejo Carrera continuava a ser o presidente da Entidad Local Menor de Vilasobroso. No mesmo ano, deslocou-se ao Brasil onde, enquanto correspondente do *El Sol*, acompanhou o *Concurso Internacional de Belleza* e participou no banquete servido aos representantes dos jornais estrangeiros<sup>357</sup>. Já enquanto empresário, aproveitou a viagem para, em conjunto com outros portugueses e brasileiros, fundar a *Sociedad Anonyma Salp*, cujo objectivo era estabelecer um entreposto de livros e publicações que visava expandir a presença das edições portuguesas no Brasil<sup>358</sup>.

Em 1931, o grande destaque vai para a sua vida política. O *El Pueblo Gallego* (17/05/1931) escreve, dando dele notícia:

“Es esperado entre nosotros nuestro querido amigo y convecino el periodista don Alejo Carrera Muñoz que después de pasar unos días en Lisboa al frente de la ‘Sociedad de Publicaciones y Telegrafía’, de la que es director, viene a encargarse de la Presidencia del Ayuntamiento de Mondariz<sup>359</sup>, cargo que desempeña con plena satisfacción de todos los que ansían verse redimidos del caciquismo de Bugallal<sup>360</sup>.”

Por aqui percebemos que Alejo era agora não só empresário em Portugal como também um activo político na sua terra natal. Contudo, este seu cargo político não decorrerá sem incidentes. A 17 de Maio de 1931, sob a presidência de Alejo Carrera, o Centro Republicano de Mondariz organizou um comício que o *El Pueblo Gallego* (17/05/1931) destaca como um “*dia de gala para Mondariz*” com um “*gran mitin de afirmación republicana*” por oposição ao anterior “*caciquismo bugallista*”. Mas as coisas não correram como esperado.

O *El Heraldo de Madrid* (08/05/1931) relata o que se passou:

---

<sup>357</sup> Ver *Diário de Notícias* [Brasil] (10/09/1930) e *Revista da Semana* (20/09/1930).

<sup>358</sup> Ver *Correio da Manhã* (12/09/1930) e *O Paiz* (12/09/1930).

<sup>359</sup> Alejo Carrera foi o primeiro Alcaide republicano de Mondariz entre Abril e Maio de 1931. Ver *El Tea* (23/04 e 23/05/1931) e *El Pueblo Gallego* (03/09/1931).

<sup>360</sup> Gabino Bugallal (1861-1932) – reputado político de tendência conservadora cujo nome inspirou o movimento político chamado *Bugallismo* que se caracterizava pelo caciquismo ou clientelismo político.

“(…) cuando éste [Don Basilio Alvarez] terminaba su discurso, los elementos bugallistas empezaron a disparar bombas y ordenaron que tocara una banda de música porque en aquel momento llegaba el republicano don Amado Garra, y con él los de Bugallal pretendían organizar otro mitin. El pueblo agrario se irritó ante aquella provocación de los caciques (…).”

O *El Tea* (23/05/1931), jornal antes abertamente partidário de Alejo Carrera, posicionase agora do lado do seu fundador – Amado Garra – chamando *Alcade Upetista* a Carrera de <sup>361</sup> e descrevendo assim o ocorrido no dia 17, em Mondariz:

“La manifestación se detuvo ante la fuerza armada con los fusiles encañonados, en momentos que el Alcalde de Mondariz con pistola en mano, gritaba a pleno pulmón: Fuego! Fuego! Fuego! Gritos que les secundaban con iguales entusiasmo Ramón Salgado, Enrique Peinador, Enrique Alvarez, Ramón Vidal, Antonio Prieto y unos cuantos upetistas más (…).”

O *El Tea* continua a acompanhar a questão e a 13 de Junho publica uma carta enviada ao Governador Civil de Pontevedra pelos *Filhos de Mondariz emigrados em Lisboa* que pretendiam que Alejo Carrera e os restantes upetistas fossem castigados pelo sucedido. A 17 de Julho, o mesmo jornal informa que Carrera fora preso, cerca de um mês antes, em Portugal, na sequência do ocorrido em Maio. Não temos, no entanto, informação de jornais mais isentos que validem esta notícia.

No outro extremo, o *El Pueblo Gallego* publica a 27 de Maio um texto cujo objectivo era recordar aos galegos o trabalho realizado por Alejo Carrera em prol da sua terra, acusando os detratores de se esquecerem do seu valor e das suas conquistas.

Ainda em 1931 – embora só noticiado, de forma critica, pelo *El Tea* em 1932 (13/07/1932) –, Carrera fundou, com José Estevez Alfaya e Ramiro Vidal, o jornal regional *El Sobroso. Periódico de la Republica*<sup>362</sup>, que se publicaria durante três anos.

Nos restantes anos desta década destaca-se a sua eleição para vice-presidente do *Casino de Vilasobroso* (em 1932), sendo que, 17 anos mais tarde, enquanto presidente, será o responsável pela construção da sua sede<sup>363</sup>, e o facto de continuar a trabalhar no mundo jornalístico enquanto correspondente do *El Pueblo Gallego* e Diretor da *Agência Radio* (em 1933)<sup>364</sup>.

---

<sup>361</sup> *Upetistas*: partidários da *Unión Patriótica* (UP), partido criado, em 1924, pelo ditador espanhol Miguel Primo de Rivera que visava suprir os partidos tradicionais que considerava corruptos. Era, essencialmente, um partido conservador, monárquico, antiparlamentar e autoritário.

<sup>362</sup> Não conseguimos identificar este jornal nem em Espanha nem em Portugal.

<sup>363</sup> Ver *El Pueblo Gallego* (06/01/1932) e *La Noche* (21/07/1949).

<sup>364</sup> Ver *El Pueblo Gallego* (26/03/1933).

No que respeita à vida profissional de Alejo Carrera só voltamos a ter notícias quinze anos depois, em 1948, aquando da inauguração de novos escritórios da *Renfe*<sup>365</sup>, a ele concessionados<sup>366</sup>, em Mondariz, Puenteares e Vilasobroso, e, em 1962, o *El Pueblo Gallego* (20/12/1962) informa que Carrera era colaborador do *El Faro de Vigo*.

Não podemos dizer que o nome de Alejo Carrera Muñoz tenha desaparecido dos jornais, mas não só aparece mais ocasionalmente como, regra geral, ou o texto fala da sua presença em algum tipo de festividade ou homenagem ou trata-se de notícias relacionadas com o seu castelo, como, por exemplo, quando o *El Pueblo Gallego* (18/04/1965) publica um extenso texto sobre a visita da *Asociación Nacional de amigos de los castillos* ao castelo de Sabroso. Nos últimos anos da sua vida Alejo Carrera era nos jornais, principalmente, o senhor do Castelo de Vilasobroso.

Carrera faleceu a 18 de Julho de 1967 com 74 anos. Foram menos os jornais que noticiaram a sua morte do que os que ajudaram a divulgar a sua vida, mas as palavras do *El Pueblo Gallego* (20/07/1967) sintetizam aquilo que procurámos traçar nesta nota biográfica e que captámos da sua vida contada pelos jornais:

“(…) Don Alejo Carrera era poseedor de una capacidad de trabajo asombrosa. No podía, lo que se dice, estarse quieto ni un solo instante. Si algún día pasabas ante su casa ya avanzada la madrugada, el silencio de aquel tranquilo paraje aldeano era roto por el teclear de una máquina a impulsos del infatigable don Alejo. (...) todo un hombre de trabajo era don Alejo Carrera Muñoz. (...)”

Não está, naturalmente, tudo dito sobre Alejo Carrera Muñoz, mas o que dissemos demonstra inquestionavelmente a amplitude, em duração e em diversidade, do seu percurso profissional e que, embora não tenha sido um homem consensual, era um jornalista, empresário e um galego *sobroseño* respeitado não só pelos seus conterrâneos como também pela maioria dos que com ele se cruzavam. E disso os jornais dão cabal notícia.

## Índice Bibliográfico

PARAMÉS, J. (2013). *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia (siglo XI)*. Vilasobroso.

---

<sup>365</sup> Empresa pública de transporte de passageiros e mercadorias.

<sup>366</sup> Ver *La Noche* (25/02 e 02/03/1948), *El Pueblo Gallego* (03/03/1948).